

# Pequena África: território Akpalô

## Memória que germina

Este projeto tem como objetivo central fortalecer a Pequena África como Akpalô, termo de origem yorubá para designar aqueles detentores da memória e sabedoria de seu povo. Este chão, historicamente formado pelo encontro de cosmovisões complexas, se expande historicamente a partir do Cais do Valongo. Ele abrigou quintais, zungus e casas de cômodo do Morro da Favela à Central do Brasil, e desempenhou papel central na consolidação da rua como principal cenário da vida cotidiana no Rio de Janeiro. Sem deixar de rememorar os terrores dos séculos de escravização, cujas consequências perduram, as ideias apresentadas aqui visam celebrar a formação urbana carioca, tão influenciada pelas populações negras. Os espaços coletivos propostos remetem à complexa encruzilhada das experiências negras do Atlântico. A Pequena África guarda a memória que insiste em emergir do Valongo; memória que germina, viva. Nesse contexto, a proposta visa, por meio de suas intervenções, trazer à tona a sacralidade e os frutos deste chão e prestar saudação às figuras que fizeram e fazem dele seu ofá, o arco sagrado que lhes dá força.

## Ritmos

A diversidade é característica fundadora da Pequena África e isso pode ser sintetizado no termo "Bumbum Praticumbum Prugurundum", de Ismael Silva, o caldeirão sonoro das tantas culturas. O ritmo é um dos grandes akpalôs da diáspora negra. Apesar de os batuques terem sido duramente combatidos ao longo dos séculos, guardam a memória de lundus, pagodes árabes, jongos e tantos outros ritmos que formaram o samba, uma das manifestações mais expressivas da cultura carioca. Considerando a importância do ritmo e a necessidade de saudar as figuras ancestrais da Pequena África, o projeto adota como premissa orientadora a ideia de transcrever espacialmente as células rítmicas dos toques de atabaque aos doze orixás mais cultuados em território brasileiro. A transcrição gera padrões visuais que são aplicados ao paisagismo, às fachadas e à pavimentação ao longo de toda a proposta. Dessa forma, a própria implantação das intervenções se apresenta essencialmente como uma saudação e como repositório de memória, capaz de conectar as intervenções realizadas em terrenos e espaços públicos.

## Chão

Do ponto de vista físico e material, a proposta considera a extrema importância histórica, arqueológica e cultural da região para a formação do Rio de Janeiro. Desta forma, a busca principal é por ressaltar o valor simbólico do chão na Pequena África. A tectônica de projeto, sempre ligada ao tratamento de piso, consiste em estruturas leves e modulares que buscam interferir pouco no território em que se inserem - como quem pisa devagar. Considerando que a Pequena África se expande além das imediações do Cais do Valongo, propusemos estruturas facilmente adaptáveis para outros trechos para além do fluxo proposto. Quanto ao programa de necessidades, a proposta tem caráter híbrido, ou seja, propõe usos e destinações diversas, e por isso é capaz de converter a região em um museu de território de suma importância patrimonial, cultural e urbanística. O paisagismo reforça lógicas da diversidade e experiência. A valorização de espécies da Mata Atlântica reverencia as cosmovisões afro-brasileiras que consideram que não há separação radical - e sim confluência - entre natureza e cultura.

## Encruzas

Após estudo criterioso de todo trecho urbano, definimos vinte intervenções: doze propostas arquitetônicas e oito marcos visuais. Elas estão distribuídas em vazios urbanos e áreas públicas ao longo de três trajetos encruzilhados que formam um ciclo, articulando trechos distintos da zona expandida da Pequena África. O primeiro trajeto vai do Cais do Valongo à Central do Brasil e saúda a memória dos trabalhadores que construíram a Pequena África: estivadores, sambistas, moradores de cortiços, tias baianas, ambulantes. O segundo trajeto parte do antigo cortiço Cabeça de Porco até a Cidade do Samba, e celebra os atores cotidianos da região. O terceiro trajeto, que liga a Cidade do Samba ao Cais do Valongo, respeita a riqueza arqueológica da região, mas sem deixar de intervir nos abandonos e vazios existentes, transformando-os em equipamentos urbanos e de habitação. O hibridismo de forma e usos celebra a inventividade da cultura de rua e o modo de fazer a cidade, praticando-a - um grande legado da diáspora negra. Em síntese, a proposta celebra a Pequena África como território ancestral, que aponta para o futuro.



FASE 1: MEMÓRIA  
Identificação dos ritmos da Pequena África

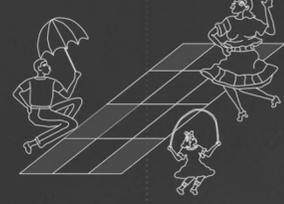
AGOGÔ	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GRAVE (TUM)																				
AGUDO (TÁ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

LIEXA - NANÁ

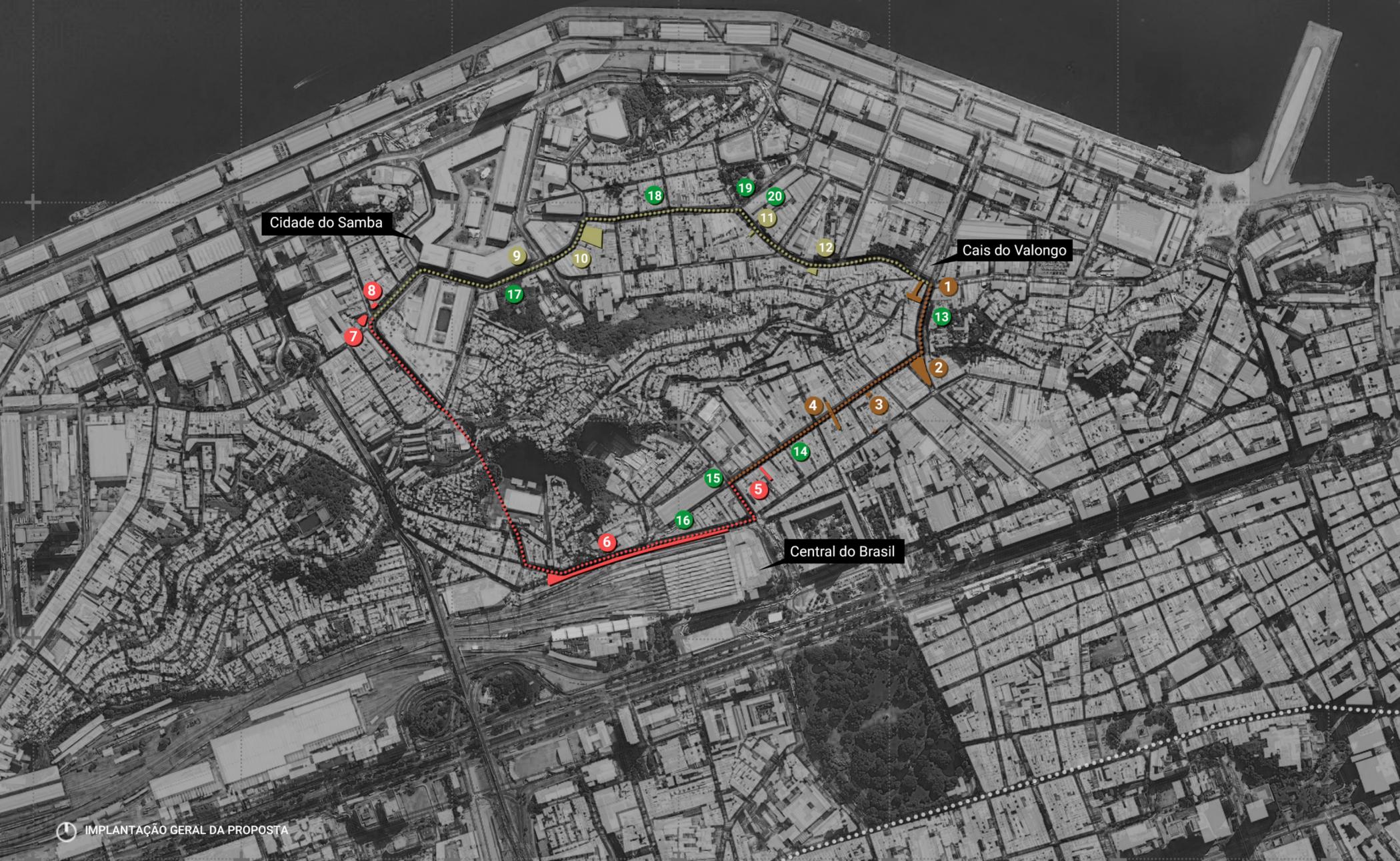
FASE 2: LEITURA  
Transcrição das células rítmicas



FASE 3: TRANSCRIÇÃO  
Padrões visuais gerados a partir das células rítmicas



FASE 4: APLICAÇÃO  
Uso dos padrões no piso, fachadas e paisagismo



IMPLANTAÇÃO GERAL DA PROPOSTA

## LEGENDAS

TRECHO 1: VALONGO-CENTRAL	TRECHO 2: CENTRAL-CIDADE DO SAMBA	TRECHO 3: CIDADE DO SAMBA-VALONGO	MARCOS VISUAIS	
1 Casa de Zungu Carmem do Xibuca	5 Depósito de Mercadorias Tia Perciliana	9 Posto de Apoio Iyá Davina	13 Casa de Tia Ciata	17 Cemitério dos Ingleses
2 Praça dos Estivadores Prata Preta	6 Passeio Público Mano Elói	10 Habitação Social D. Amélia Quindunde	14 Terreiro de João Alabá	18 Cemitério dos Pretos Novos
3 Casa de Cômodos Oito Batutas	7 Praça Davi, Marcos Paulo e Wellington	11 Apoio ao Entregador Tia Dadá e Tio Ossum	15 Cortiço Cabeça de Porco	19 Praça da Harmonia
4 Museu das Línguas Tia Bebiana	8 Ponto de Apoio Tia Amélia	12 Casa de Cultura Heitor dos Prazeres	16 Casa de Tia Perciliana	20 Moinho Fluminense



concurso BNDP  
**pequena  
áfrica**

PROMOTOR



ORGANIZADOR

Consórcio Valongo  
Patrimônio Vivo